



SUPERAR AS TENTAÇÕES DO TEMPO PRESENTE, COMO TESTEMUNHAS DO RESSUSCITADO: “NÃO TENHAS MEDO, DEUS É EM NÓS E COMBATE POR NÓS”

Ir. Jaqueline Bueno de Oliveira, CP – Congregação das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz

Carta de São Paulo da Cruz à Ir. Maria Dulcíssima do Calvário, OCD.

O Espírito Santo nos faz saber na epístola do apóstolo São Tiago que devemos nos regozijar quando somos combatidos por várias tentações; portanto, a senhora deve agradecer ao Senhor que a trata como trata as almas mais prediletas que alcançaram grande santidade. Não será coroado, diz o apóstolo Paulo, senão quem legitimamente, ou seja, fielmente, combaterá¹. Todas as tentações, por piores e horríveis que sejam, quando nós não as queremos, nunca podem nos atingir. Uma coisa é sentir a tentação, outra é dar-lhe assentimento. Sentir uma tentação não está em nossas mãos, mas ceder sim, e mesmo sentindo grande rebelião na parte inferior de nós, é uma ocasião vitoriosa e rica para purificar-se e de grande mérito. Não tenhas dúvidas, Deus está contigo, combate em ti e por ti e concede a sua graça triunfante para vencer as tentações. [...]

Venhamos a nós e acredite: todas as tentações que provamos são em torno da fortaleza da nossa alma. Eu não quero que você combata a força de braço, não querida filha! Quero que você se coloque inteiramente nas mãos de Deus. E em meio à tempestade permaneça em pura fé e diga: “Pai meu, Pai querido, sou vossa.” Ou então: “Ó Pai! Ó grande Pai!” e depois sigas estando dentro de si em paz, com atenção amorosa a Deus e verás quanto te beneficiará este exercício.

A tentação... mais irritante, que eu chamo ‘rainha das tentações’, molestíssima e que traz consigo um exército de quase todas as outras tentações, traz febre, traz tristeza, tédio, melancolia e sobretudo traz consigo certa tentação de desespero que te faz sentir perdida e abandonada por Deus. Eu tenho grande compaixão por tais almas, mas por outro lado as chamo almas afortunadas, almas muito amadas por Deus e por isso tão perseguidas pelo diabo; passada depois tal tempestade, oh, que paz! Oh, quantos dons e graças receberão do Senhor com o grande dom da santa contemplação e então a coroa da glória! [...]

¹ 2Tim 2,5

A frase de São Paulo da Cruz, que subintitula esta reflexão, encontra-se em um contexto muito específico. Paulo escreve à Ir. Maria Dulcíssima do Calvário², com grande atenção e fé aconselhando e instruindo sobre as tentações.

Alguns pensam que as tentações são aquelas que nos instigam a fazer aquilo que é pecado. Sim, de fato a tentação é uma força que nos instiga. Mas ela é muito mais que isso. Em muitas das suas cartas, São Paulo da Cruz, instrui o seu destinatário no combate às tentações. E nesta em particular aponta pelo menos quatro pontos interessantes: *“Quando não queremos, nunca poderão nos atingir”, “Não tenhas dúvidas, Deus está contigo, combate em ti e por ti”, “Existe uma tentação que trás consigo o desespero que faz sentir-se perdida e abandonada por Deus” e “Eu sinto grande compaixão por tais almas, mas por outro lado, as chamo, almas afortunadas, almas muito amadas por Deus e por isso tão perseguidas pelo diabo”.*

“Quando não queremos, nunca poderão nos atingir”

De fato, a tentação nos ataca naquilo em que somos mais frágeis. E quando nos distraímos, ela penetra o coração e a mente e toma espaço dentro de nós. São Pedro na sua primeira carta nos adverte: *“Sede sóbrios e vigilantes. O vosso adversário, o diabo, rodeia como um leão a rugir, procurando a quem devorar. Resisti-lhe, firmes na fé.” (1 Pd 5,8-9).* Tomar consciência das tentações que se apresentam se torna fundamental para rejeitá-las. É onde entra a força espiritual para resistir à tentação.

“Não tenhas dúvidas, Deus está contigo, combate em ti e por ti!”

É bonito e consolador pensar que Deus é em nós e combate por nós. No momento em que eu tomo consciência de uma força tentadora, eu automaticamente alerta que estou em risco. O simples fato de reconhecer a tentação, demonstra que eu sou filho da luz e que eu posso

perceber o perigo que me rodeia. Quem vive nas trevas não é capaz de distinguir uma ‘tentação’ de uma ‘vontade qualquer’. É nesse momento que Deus “vem em nosso auxílio” e nos “socorre sem demora”. Em cada comunhão Deus se deifica em nós e combate por nós. No entanto, São Paulo da Cruz, assim como São Pedro, nos alertam que as armas de combate à tentação são: a vigilância e a fé. E Paulo da Cruz alerta de forma clara: *“... Não quero que você combata a ‘força de braço’, não querida filha! Quero que você se coloque inteiramente nas mãos de Deus...”* e em outra passagem diz: *“... como vencer as tentações? Fugindo, em uma fuga de amor em Deus, como o lavrador foge quando se aproxima uma tempestade”.* Muito interessante perceber as várias figuras de imagens usadas para desenhar esta realidade. São Clemente de Alexandria, sendo grego e escrevendo aos gregos, usa a imagem de Ulisses³, que pede para ser atado ao mastro do navio para atravessar o mar das sereias, para que não seja seduzido por elas. São Clemente compara o herói grego ao herói cristão que se ata ao mastro que é Cristo, para vencer as tentações. O herói é primeiro de tudo consciente que não será capaz de resistir às ‘tentações’ se não for antes atado ao mastro. Essa belíssima imagem desenha as palavras de Paulo da Cruz que nos alerta da nossa fraqueza humana que não é capaz de resistir, se não estiver atada ao mastro que é Cristo.

“Existe uma tentação que trás consigo o desespero que faz sentir-se perdida e abandonada por Deus.”

Apesar da vigilância e da fé, serem fundamentais na nossa vida, Paulo da Cruz nos alerta de uma tentação que coloca em xeque a base das nossas forças que é a fé. Ou seja, mesmo havendo atenção, existe uma tentação que abala as bases do nosso castelo interior e confunde os olhos do vigilante. A carta não especifica por

² Monja carmelita descalça do Carmelo de Vetralla, cujo nome de leiga era Maria Suscioli, com quem Paulo já se correspondia desde antes de sua entrada na vida religiosa.

³ Ulisses é um herói grego muito sábio, que deixa a sua terra para lutar na guerra de Tróia. Após a guerra, vive uma longa viagem de aventuras, mas não perde nunca o seu foco principal, que é o de retornar ao seu país para junto da sua esposa, que o espera fiel e pacientemente. A história de Ulisses é cantada nos poemas de Homero, em Odisseia.

qual tentação a destinatária, Ir. Maria Dulcíssima do Calvário (Maria Suscioli), era atribulada, mas é provável que seja contra a pureza, que em outras cartas, Paulo da Cruz chama de “rainha das tentações”. No entanto, Paulo da Cruz não se preocupa com a “rainha das tentações”, senão com as tentações que ela traz consigo. Algumas tentações ameaçam sentimentos e certezas, como a gratidão, a esperança, a alegria, a serenidade, o amor etc. Por isso, os santos nos ensinam a renovar o nosso espírito de fé, com simples jaculatórias, entre outros atos de piedade; também os Padres da Igreja, colocam como pilares da vida cristã: a fé, a esperança e a caridade. São João Crisóstomo, diz que o óleo que ‘*As virgens do evangelho*’ devem possuir sem deixar faltar para o momento da chegada do esposo é a caridade. A esperança, quando ameaçada, rouba de nós a certeza do amor e presença real de Deus na nossa vida. Rouba a certeza da vocação, da esperança de um mundo melhor e a certeza do próprio sentido da vida.

“Eu sinto grande compaixão por tais almas, mas por outro lado, as chamo, almas afortunadas, almas muito amadas por Deus e por isso tão perseguidas pelo diabo”.

Ao ler os textos de Paulo da Cruz, muitas vezes julgamos serem exclusivos de um período e de uma mentalidade específica, o que nos faz tomar distância de certas expressões usadas por ele. Exaltar as almas que vivem diante de uma tentação ou provação, que provoca dúvidas, desespero e angústia como vimos, está fora da nossa mentalidade moderna/ contemporânea. Muitas vezes encontramos certa resistência interior para adentrar nesta dinâmica cristã com equilíbrio e que faz parte da nossa identidade. O Apóstolo Paulo, escrevendo aos romanos dá uma identidade para os cristãos: “*Nós nos gloriamos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, a perseverança produz a fidelidade comprovada e a fidelidade comprovada produz a esperança e a esperança não engana, pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*” (Rm 5,1). Aprender com as tribulações se torna um exercício constante para nós. Estar alerta

para as tentações, pedir no mesmo instante o auxílio de Deus e se refugiar na cruz de Cristo.

“Somos em tudo atribulados, mas não angustiados; estamos perplexos, mas não desanimados. Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos” (2 Cor 4, 8-9).

O (A) Passionista carrega consigo uma missão que se faz a cada dia mais urgente: anunciar e testemunhar (*martyreo*) a Paixão, caminhando pelas tribulações com uma lâmpada acesa dizendo “*...somos..., mas não...*”.

A certeza do Cristo Ressuscitado é como um selo irremovível, é algo evidente e, por ser evidente, não se explica. O apóstolo não abre espaço para dúvidas, hesitações e interpretações. Ser convicto da Ressurreição de Cristo é não dar espaços para as tentações que geram em nós apatia, indiferença, dúvidas, angústias, desespero e falta de motivação. Jesus é O Vivente, O Amante e Senhor da vida. Paulo em outra passagem, chega a desprezar a própria morte porque vive plenamente na certeza da vida que é Cristo. Sim, somos em ‘*tudo*’ atribulados, diz São Paulo, mas não angustiados. O apóstolo não nega a tribulação e parece até exagerar dizendo “*em tudo.*” Ele se preocupa em deixar um legado espiritual aos cristãos exortando-os à fé e à esperança. “*Perplexos, mas não desanimados*” quantas coisas nós ouvimos e vemos que nos deixam ‘perplexos’... mas na certeza de Cristo Ressuscitado, nós como cristãos somos ‘animados’, ou seja, mantemos a alegria interior e a esperança viva em nós. “*Abatidos, mas não destruídos*”, a leitura que o mundo moderno faz da angústia, da perplexidade, da tristeza é muitas vezes reducionista. Paulo faz distinção dos vários estados de tribulações e sela com o selo da Ressurreição de Cristo: a vida, a vitória, a força, o ânimo, a perseverança e a esperança.

Reforçar a vigilância e a certeza da Ressurreição! Reforçar a certeza do cumprimento das promessas de Cristo, das suas palavras e ações. Combater as tentações e passar pelas tribulações não é possível sem permanecer em “pura fé”. A certeza do salmista

deve ser também a nossa certeza: "Na minha angústia, invoquei o Senhor, gritei para o meu Deus: ele ouviu a minha voz e o meu clamor chegou aos Seus ouvidos." (Sl 17).

Depois das tempestades, oh, que paz!

A paz interior é um dos sentimentos mais felizes para o cristão, pois é a consolação do Espírito. É um dom, uma graça que o Espírito concede somente àqueles que venceram as tentações. A 'paz' de espírito sem vencer as tentações é engano e fantasia. É o exercício das virtudes que nos preparam para as tempestades e tribulações.

"Ora, se morremos com Cristo, cremos que viveremos também com ele" (Rm 6,8) A morte e a vida, sinais profundamente passiológicos, devem ressoar sempre em nós, porque não é possível chegar à ressurreição sem passar pela morte. Hoje esta realidade é já uma tentação muito comum, querer viver sempre na 'consolação', eliminando sempre as dores sem vencê-las e sem aprender concretamente com a tribulação que vivemos. Viver como pessoas de

Ressurreição é viver na certeza de que as dores, as angústias e todo tipo de tribulação é redentora e que esta realidade humana vivenciada com espírito de mansidão, sabedoria e perseverança nos levará a vida em Cristo. Os santos mártires são para nós exemplo de superação das tribulações. Eles, 'mártires' – que quer dizer 'testemunhas' –, foram forjados pelo Espírito Santo e, desafiando a própria natureza, que é o de 'se salvar', de repelir a morte, com os olhos fixos em Jesus enfrentaram dores horríveis, torturas e sofrimentos, mas com espírito de tal forma elevado, não se deixavam abater ou vencer pela morte.

É tempo de renovar o nosso espírito, de purificar a nossa fé concretamente, sendo testemunhas, mártires da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo. A testemunha dá a vida, não dá sermões e pretende educar e corrigir o outro. A testemunha de Cristo Ressuscitado transborda certeza prática e real de que "Deus é em nós e combate por nós".

REFLEXÃO

- Quais são as tentações que mais te atormentam? Você é capaz de distinguir uma 'tentação' de uma 'vontade'?
- Qual é a sua reação diante de uma tentação?
- Você já sentiu as bases da sua vida ameaçadas pelas tentações?
- As tribulações que se apresentam na sua vida produzem perseverança?
- Você cultiva a sua vida espiritual?
- Como você tem buscado, neste momento particular em que vivemos, superar as tentações da angústia, da tristeza e da ansiedade?
- Como você testemunha a Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo?

CALENDÁRIO DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA – ABRIL DE 2020

- 08** Recordação da Serva de Deus Marquesa Maddalena Frescobaldi (1771-1839), leiga, fundadora das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz.
- 11** Trânsito de Santa Gemma Galgani (1878-1903), leiga passionista.
- 23** São Paulo da Cruz recebe o sacramento da Confirmação pelas mãos do bispo de Alessandria, D. Francisco de Gattinara (1719).
- 24** Chagas Gloriosas de Nosso Senhor Jesus Cristo, *memória*.

EXPEDIENTE: Equipe de Espiritualidade da FPB – Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. Maria Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Pe. Marcel Alcleante Alexandre de Sousa, CP (Prov. Getsêmani); Pe. Vanildo de Jesus Nascimento, CP (Prov. Exaltação da Santa Cruz); Carlos Renato Moiteiro (CLPs – Região Centro/PR).



AMPARADOS PELA ESPERA NO RESSUSCITADO: A ESPERANÇA NA ESPIRITUALIDADE DE SÃO PAULO DA CRUZ

Carlos Renato Moiteiro – Comunidades Leigas Passionistas (CLPs Região Centro-Prov. Getsêmani)

Tratado da Morte Mística de São Paulo da Cruz¹.

“Meu Deus, este e outros [exercícios] farei com a vossa graça; mas se Vós vos afastardes de mim, farei mais mal daquilo que ora proponho de fazer de bem; e a fim de que isto para minha desgraça não me aconteça, o que muito temo, mas muito mais confio em Vós, procurarei estar sempre com Vós unida, e por temor não me afastarei um momento de Vós, porque um só momento de Vós separada posso perder-vos e, perdendo-vos, perco tudo.

Quero reduzir-me com estes sentimentos a uma agonia espiritual, com a qual quero destruir todo o meu amor próprio, inclinações, ‘paixões e vontade’. Querendo assim morrer na Cruz com aquela santa morte de Jesus, com a qual morrem no Calvário com o Esposo as Almas enamoradas, e morrem de uma morte mais dolorosa do que aquela do corpo, para depois ressurgir com Jesus triunfante no céu.

Feliz de mim se praticar esta santa morte, a bendirei no meu último momento, com minha grande consolação. Jesus esteja sempre comigo; Jesus, [que] a minha última palavra seja o vosso Nome; Jesus, o último respiro seja o vosso Amor. Amém.”

Uma antiga tradição na Congregação afirma que, durante uma missão popular, o então Pe. Tommaso Struzzieri (que mais tarde se tornaria o primeiro bispo da Congregação), recebeu de um pio devoto uma imagem que havia mandado pintar, retratando a Santíssima Virgem com o menino Jesus ao colo, e este segurando uma cruz. Era o ano de 1750. A partir de então, Pe. Tommaso passou a portar junto de si o quadro, levando às Santas Missões, e solicitou aos superiores das casas, com a anuência do fundador, que entronizassem uma cópia deste quadro em todos os Retiros da congregação. A imagem levava o título de *Mater Sanctae Spei*, a “Mãe da Santa Esperança”.

Não poderia ser mais propício o título dado a esta que foi uma das primeiras devoções marianas da Congregação. A **esperança**, definida pelo escritor da carta aos Hebreus como “âncora da alma, segura e sólida, e que penetra até mais além do véu” (Hb 6, 19), é

virtude fundamental na vida do discípulo-missionário. O Catecismo a define como o “[...] desejo de felicidade que Deus colocou no coração de todo o homem; assume as esperanças que inspiram as atividades dos homens, purifica-as e ordena-as para o Reino dos céus; protege contra o desânimo; sustenta no abatimento; dilata o coração na expectativa da bem-aventurança eterna” (CIC, n. 1818); em consonância com a **fé** e a **caridade**, forma a tríade das virtudes teologais, assim definidas por São Tomás de Aquino por corresponderem a certos princípios que são infundidos por Deus em nós e que nos habilitam para a vida em Deus, posto que, por meio delas, “Deus nos torna virtuosos e nos ordena para Ele”².

À diferença das virtudes cardeais – a *saber, a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança* –, que são naturais ao ser humano e que podem ser alcançadas mediante o exercício da razão e o hábito, as virtudes teologais só nos podem ser

¹ Conforme documento conservado no mosteiro das Passionistas de Bilbao. Cf.: PAOLO DELLA CROCE; CHIARI, Christophoro. *Lettere di San Paolo della Croce*. Roma: Curia Generalizia PP. Passionisti, 1977. V. 5; p. 9-10; n. 1.

² TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q. 62, art. 1.

conhecidas mediante a Revelação Divina. E exemplos não nos faltam nas Sagradas Escrituras. É a virtude de Abraão, que “esperando contra toda esperança, acreditou” (Rm 4, 18); a virtude de Jacó, que por quatorze anos trabalhou nas terras de seu sogro Labão para poder ter a mão de sua filha Raquel (Gn. 29); a virtude de Moisés, que com seu povo caminhou no deserto em busca da terra prometida por Deus, mas cujo horizonte pôde apenas vislumbrar (Dt 34, 1-5). É ainda a virtude de Rute, que deixa a terra de Moab para acompanhar sua sogra Noemi na viuvez de ambas, e encontra graça aos olhos do rico judeu Booz (Rt 2); a virtude de Ana, que no meio de suas lamentações, prosseguiu crendo firmemente na bênção do Senhor, que então põe fim à sua esterilidade (1Sam 1, 1-20); a virtude de Ester, que não temeu a morte em nome da salvação de seu povo (Est 4, 16). É a virtude de João, o apóstolo designado pelo próprio Cristo para a espera da última revelação (Jo 21, 20-24).

É a virtude de Paulo da Cruz. Ainda que, dentre as virtudes teológicas, o Apóstolo da Paixão tenha levado em conta a admoestação do grande Apóstolo Paulo (1Cor 13, 13) e dado destaque central nos seus escritos à caridade, a *esperança* sempre foi uma virtude fundamental na vida do fundador, por ele exercitada de forma excepcional. Assim testemunha o sacerdote diocesano Pe. Giuseppe Sisti, em seu processo de canonização:

Não menos sublime foi a virtude da esperança do Servo de Deus, padre Paulo da Cruz, que sempre esperava alcançar a posse de seu Deus, do qual tanto se mostrava enamorado, e da bem-aventurada pátria do céu, repousando sempre esta sua esperança no auxílio potentíssimo da graça, de modo unido à cooperação da própria vontade, apoiado sempre nos méritos infinitos da Paixão de Jesus Cristo. E, no entanto, todos os seus exercícios espirituais da pregação e oração, as penitências e sofrimentos, em união com os

méritos de Jesus Cristo, os oferecia a Deus, para obter o seu desejado fim último. Especialmente ainda me recordo que, em diversas ocasiões de indigências do seu retiro, suas enfermidades e desolações de espírito, demonstrou sempre uma viva confiança em Deus, esperando sempre d’Ele o auxílio necessário e, sem motivo para se turbar, com hilaridade de espírito, ele tudo sofria, dispondo a causa nas mãos de Deus³.

Na origem da grande aventura carismática de São Paulo da Cruz não estão, portanto, presentes apenas as virtudes da **fé** e da **caridade**: a **esperança** desempenha igualmente um papel fundamental. A contemplação da Paixão na vida do fundador foi guiada, desde os primórdios, pela alegre espera da vinda gloriosa do Senhor Ressuscitado. Tal associação, já encontramos em seu *Diário*, de modo particular na experiência mística por ele vivida no dia 4 de dezembro de 1720, quando, ainda no início de seu retiro no quarto anexo à sacristia da Igreja de São Carlos, em Castellazzo, experimenta o dom da *ciência infusa*⁴ sobre a alegria que espera cada um de nós no encontro face a face com Deus:

Na santíssima Comunhão, me encontrava em grande suavidade; o meu caro Deus me dava inteligência infusa da alegria que terá a alma quando o virmos face a face, que será unida com ele em santo amor; depois me vinha dor em vê-lo ofendido, e lhe dizia que me desejaria dilacerado por uma alma. Ai de mim! Parecia-me definhar, vendo a perda de tantas almas que não sentem o fruto da Paixão do meu Jesus. Quando Deus me dá esta inteligência altíssima da alegria que se provará quando se verá face a face, isto é, unido a Ele, a alma não pode, por assim dizer, sofrer por estar mais no corpo, porque com altíssima luz de fé se vê no infinito amor de seu Deus [...]⁵.

É possível, assim, reconhecer que, desde o princípio, a centralidade da espiritualidade paulocruciana não está fixada apenas na cruz, mas na Paixão de Cristo, em sua totalidade. Se, por um lado, é preciso reconhecer que Paulo

³ Processo Ordinário de Vetralla, p. 7. In: GAETANO DELL’ADDOLORATA. *I Processi di beatificazione e canonizzazione di S. Paolo della Croce, fondatore dei Passionisti e delle Claustri Passioniste*. Roma: Postulazione Generale dei PP. Passionisti, 1969. V. 1.

⁴ Segundo S. Tomás de Aquino, corresponde ao dom de conhecer as coisas não pela experiência ou por esforço do

intelecto, mas de modo imediatamente iluminado por Deus; cf. *Suma Teológica*, II-II, q. 9, art. 3.

⁵ PAOLO DELLA CROCE; CENCINI, Amedeo. *Lettere di San Paolo della Croce*. Roma: Tipografia Pontificia nell’Istituto Pio IX, 1924. V. 1, p. 6-7.

ainda trazia em sua visão de fé um certo “dolorismo” (muito em voga dada as correntes teológicas que se faziam presentes nesta época⁶), por outro, a esperança da ressurreição no Cristo – ou, utilizando uma expressão de São Gregório Palamas, da *cristificação* do fiel⁷ – é evidente nas meditações do santo fundador já desde Castellazzo, não o permitindo sucumbir a uma mera comiseração ou a um devocionismo diante do Crucificado. A teologia paulocruciana, desta forma, mais do que revestida puramente de uma *estauologia* (isto é, de uma teologia da Cruz), encontra-se antes fundamentada numa profunda **passiologia**, que aponta para a esperança no Ressuscitado e, com Ele e n’ele, a restauração de todas as coisas em Deus (At 3, 21).

Este caráter se torna cada vez mais central à medida que Paulo da Cruz, como fruto de seu apostolado missionário, passa a exercer de forma crescente o ministério da direção espiritual. Especialmente na direção de Tommaso Fossi, quando este ainda vivia na condição secular⁸, a virtude da esperança tomava forma tanto mais proeminente quanto mais seu dirigido sente o desejo de abandonar seus deveres como esposo e pai de família para dirigir-se ao estado eclesiástico. Neste desejo, Paulo intuía a tentação da acídia, o “demônio do meio-dia”, que neste caso impelia o senhor Fossi a querer se livrar dos sofrimentos e das lutas cotidianas a que seus deveres familiares e temporais o expunham; por isto, recomendaria continuamente ao seu dirigido que se mantivesse firme em suas obrigações, e suportasse as agruras de sua condição:

[...] e por quantos encontros sinistros aconteçam, beije humildemente aquela mão, que o golpeia para maior vantagem do seu espírito, pois a

*estrada que deve vencer para alcançar a santa perfeição é esta. Seja portanto forte, e não pense mais sobre, e esteja certo de que não agiria retamente se o aconselhasse diversamente: nem creia que as tribulações e cruces que prova devam servir-lhe de estímulo para mudar o caminho, quase como se onde sucedem encontros semelhantes seja uma estrada que não conduz a outra coisa que não a Deus [...]*⁹.

É o mesmo teor presente no texto que aqui trazemos para reflexão, extraído precisamente do *Tratado sobre a Morte Mística*, que São Paulo da Cruz escreveu para as monjas do Carmelo de Vetralla e cujo uso depois autorizou para os noviços do Monte Argentário. O total abandono à vontade de Deus, aqui sintetizado na ideia do *morrer misticamente*, longe de um quietismo espiritual, de uma anulação do indivíduo que se eximiria da responsabilidade diante de seu próprio crescimento espiritual, é proposto como um esvaziamento – em analogia ao esvaziamento (*kénosis*) do Cristo (Fl 2, 6-8) –, mediante o qual o discípulo pode reconhecer sua pequenez diante da infinita bondade de Deus e, lutando contra tudo aquilo que o afasta de Deus, mergulhar no “oceano infinito” do seu Amor. É essa luta espiritual, que consiste em crucificar dentro de si tudo aquilo que é “amor próprio e inclinações, paixões e vontades”, que permite com que o cristão se configure ao Cristo Crucificado e Ressuscitado, e tendo n’Ele se configurado, participe da vida salvífica na comunhão com a Trindade Eterna.

Neste sentido, a *esperança*, em Paulo da Cruz, não pode ser separada daquelas outras duas virtudes teológicas, a *fé* e a *caridade*. Se por meio da fé o indivíduo purifica o seu amor para com Deus e os irmãos, não aspirando em troca qualquer consolação ou retribuição, a esperança por sua vez, longe de ser uma “moeda de troca”

⁶ Em especial, o *jansenismo* e o *quietismo*, correntes que pregavam, no caso da primeira, a necessidade de rigorosas práticas de mortificação e ascese como condições essenciais para a vivência do cristianismo e acesso aos sacramentos, ou, no caso da segunda, a total passividade da alma para a ação da graça divina, o que implicava numa desresponsabilização dos indivíduos perante suas ações e sua própria vida moral. Sobre estas duas vertentes, cf.: VV.AA. *Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 578-80; 903-905.

⁷ PALAMAS, Gregory. *The Triads*: 3.1 New Jersey: Paulist Press, 1983. N. 3.1.33.

⁸ De fato, ao ficar viúvo, por orientação do próprio santo, o Sr. Fossi recebe a ordenação presbiteral, ingressando na Congregação logo depois, em 1768, com o nome de Pe. Tommaso de Jesus e Maria. Assistirá ao fundador em seu leito de morte, partindo também ele dez anos depois para a casa do Pai, em 1785.

⁹ PAULO DELLA CROCE; CENCINI, A. *Lettere...* V. 1, p. 704.

para com Deus, pela qual se aguardaria a consolação numa vida futura, consiste justamente na “âncora” que nos mantém firmes na caridade e na oração, “esperando contra toda esperança”, numa atenção amorosa a Deus que se irradia para os demais membros do Corpo Místico de Cristo:

É bom exercitar-se nessa [na oração] operando com a parte suprema do espírito, que é o verdadeiro santuário da alma, onde desempenham as suas principais funções a fé, a esperança e a caridade: portanto, ela faz bem em não se importar com qualquer contentamento, [...] mas contentar-se somente de provar a Deus com a parte suprema da alma, em viva e pura fé, já que o justo (como está escrito) vive de fé; e assim com esta atenção amorosa a Deus em pura fé, nasce aquele repouso de amor em Deus, no qual a vontade se abisma inteira no Sumo Bem¹⁰.

Em um momento, portanto, no qual mais do que nunca somos chamados a compartilhar a esperança diante de um mundo que “geme e sofre, como em dores de parto” (Rm 8, 22), nós Passionistas devemos dar testemunho desta esperança viva, não apenas com nossas palavras como também por ações concretas, mediante as quais possamos levar o amor do Cristo Crucificado-Ressuscitado, expressão máxima do Amor Divino, aos irmãos e irmãs que mais sofrem. Peçamos, pois, à Mãe da Santa Esperança, que interceda por nós junto à Trindade Santa, para que infunda em nós a alegre esperança que o mundo tanto precisa.

“Revistamo-nos com a couraça da fé e da caridade, e tomemos por capacete a esperança da salvação” (1Ts 5,8).

REFLEXÃO

- ❖ Como tenho testemunhado, neste momento particular da história, a virtude da esperança, junto aos demais irmãos e irmãs?
- ❖ Minha esperança é constante e alimentada pela vida oração?
- ❖ Meu testemunho da esperança é alegre, como pede o Papa Francisco, e se mostra como instrumento eficaz de evangelização?
- ❖ A esperança que eu alimento me move a partilhar a vida e viver o amor fraterno e compassonado pelos meus irmãos e irmãs?
- ❖ De que modo minha esperança reflete o meu modo de ser e fazer a Memória da Paixão?

CALENDÁRIO DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA – MAIO DE 2020

- 01** São Paulo da Cruz é beatificado pelo papa Pio IX (1853).
Recordação da Venerável Lucia Burlini (1710-1789), leiga passionista, colaboradora de S. Paulo da Cruz.
- 02** Recordação do Servo de Deus D. Eugenio Faggiano CP (1977-1960), bispo passionista.
- 03** Abertura do primeiro mosteiro das Monjas da Paixão de Jesus Cristo na cidade de Tarquínia (1771).
- 07** Recordação da Venerável Ir. Antonieta Farani CP (1906-1963), religiosa das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz.
- 13** Recordação do Venerável Galileo Nicolini CP (1882-1897), religioso passionista.
- 15** Cristo Triunfa do Sepulcro. *Ofício votivo*.
Primeira aprovação das Regras e Constituições da Congregação da Paixão de Jesus Cristo, pelo papa Bento XIV (1741).
- 16** Santa Gemma Galgani, virgem, leiga passionista. *Memória*.
- 21** Na Basílica de Santa Maria in Domnica (Navicella – Roma), Bento XIII autoriza S. Paulo da Cruz, “in viva vocis oraculo”, a reunir companheiros.
- 29** Recordação do Venerável Ir. Gerardo Sagarduy CP (1881-1962), religioso passionista.

EXPEDIENTE: *Equipe de Espiritualidade da FPB* – Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. Maria Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Pe. Marcel Alcleante Alexandre de Sousa, CP (Prov. Getsêmani); Pe. Vanildo de Jesus Nascimento, CP (Prov. Exaltação da Santa Cruz); Carlos Renato Moiteiro (CLPs – Região Centro/PR).

¹⁰ PAULO DELLA CROCE; CENCINI, A. *Lettere...* V. 1, p. 538.



CRISTO CRUCIFICADO NOS TORNA PARTICIPANTES DA SANTIDADE DO PAI, NO ESPÍRITO

Pe. Célio Amaro de Souza, CP – Congregação da Paixão de Jesus Cristo
(Prov. Exaltação da Santa Cruz)

Carta de São Paulo da Cruz ao Ir. Bartolomeo de São Luiz CP, 30 de janeiro de 1755¹.

“Comprazo-me em saber que tendes um vivo desejo de estar em vosso nada, mas gostaria que o efetivasse. E sabeis como? Ora vos digo.

Quem está neste nada em verdade não fingida, é como uma árvore plantada vizinha às águas, que dá fruto todo tempo. Explico-me: Deus é a mesma verdade por essência, e quando vê uma alma no próprio nada, que dá glória à S. D. M. [Sua Divina Majestade] por tudo, nem d’Ele nada rouba para atribuí-lo a si própria, eis que, reencontrando esta alma que está sempre na verdade e não na mentira, a absorve em Si por amor; e com as águas da sua graça triunfante a rega sempre e de tal forma [que] se torna como uma árvore frutuosa, que tanto no inverno, isto é no inverno das desolações e penas internas e externas, como na primavera, verão e outono das consolações, dá sempre frutos, frutos de caridade, frutos de temor e obediência a todos, frutos de mortificação e penitência, frutos de todas as virtudes... Porque uma tal alma vestida de Jesus Cristo, penetrada das suas penas, do amor d’Ele faz doce impressão, se está sempre in sinu Dei [no seio de Deus], no reino interior. Peça ao seu mestre que ensine essas verdades, que ele lhe explicará com as luzes do Espírito Santo, e ore por mim, implorando abundantes bênçãos de Deus.”

1. Sede santos como vosso Pai é Santo

Ao contrário do que muitos acreditam, viver a santidade é um caminho de inserção no mundo. E não de fuga dele! Os valores da santidade – compaixão, bondade, humildade, mansidão, paciência, perdão, amor, gratidão, sabedoria... (cf. Cl 3,12-17) – qualificam nossa pessoa e presença no mundo. Falar em santidade é falar de humanidade! A santidade alcança-se vivendo as pequenas coisas do dia a dia que são capazes de humanizar as nossas relações. Alguém já disse um dia que santo é quem faz da sua vida um altar de amor. Portanto, se queres ser santo, seja humano!

Neste sentido escreve Maria Clara Bingemer: “Acostumamo-nos a pensar nos santos como aqueles homens e mulheres que vemos retratados em quadros ou vitrais, em geral ajoelhados e em extática contemplação; ou em ascéticos exercícios de piedade que os faz vencerem o mundo e suas ambiguidades e contradições. Imaginamos tratar-se de pessoas

que nada têm a ver com a profanidade das coisas e as limitações das pessoas e buscam a perfeição em uma ascensão ininterrupta a um estado de vida quase angélico e pouco humano”².

Santidade é, na sua radicalidade, doação de vida por amor. E o grande modelo é Cristo e Cristo Crucificado. A cruz de Jesus foi e continua sendo um grande mistério da sabedoria e do amor de Deus por nós: “Não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos” (Jo 15,13). Como compreender um Deus que se dá por inteiro por amor? Diante deste questionamento, desafiemo-nos, como Passionistas, a escutar hoje as palavras de Jesus: “[...] a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus” (cf. Mt 13,11).

O Cristo Crucificado nos torna participantes da santidade do Pai, porque o Filho é *coigual* e *coeterno* com o Pai, e n’Ele somos redimidos e chamados à santidade: “[...] eu chamo vocês de amigos, porque eu comuniquéi a vocês tudo o que eu ouvi do meu Pai [...] O Pai dará a vocês

¹ SÃO PAULO DA CRUZ. *Lettere di San Paolo della Croce*. Roma: Curia Generalizia PP. Passionisti, 1924. V. 3, p. 289-290.

² BINGEMER, Maria Clara. *Santidade ao alcance de todos*. Disponível em: <http://agape.usuarios.rdc.puc-rio.br/jb/santidade.pdf>. Acesso em mai. 2020. (NdE: demais referências à autora são do mesmo texto.)

qualquer coisa que pedires em meu nome” (cf. Jo 15,15ss).

O Catecismo da Igreja Católica (CIC, n. 459) diz que “o Verbo de Deus se fez carne para ser o nosso modelo de santidade”, fundamentando-se em Mt 11,29: “Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim [...]”. E ainda diz que toda a vida de Jesus é revelação do Pai (Cat. 516): “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). Sobre Jesus o Pai declarou: “Este é o meu Filho amado, escutai-O” (Lc 9,35).

O apóstolo Pedro afirma: “A exemplo da santidade daquele que vos chamou, sede vós também santos, em toda a vossa maneira de viver” (1Pd 1,15). Percebe-se uma clareza do apóstolo ao entender a santidade como “maneira de viver.” Portanto, santidade se vive, se pratica no cotidiano da pessoa quando esta coloca sua vida em conformidade à de Jesus e em obediência ao Pai. Insiste o apóstolo que o Verbo fez-se carne para nos tornar participantes da natureza divina (2Pd 1,4) e “Ressuscitando a Jesus Cristo dos mortos Deus nos fez renascer para uma esperança viva, para uma herança que não se corrompe, não se mancha e não murcha” (1Pd 1,3b). Assim Cristo morreu uma vez por todas a fim de nos conduzir a Deus.

Sob o encantamento da ressurreição de Jesus, e em obediência a Ele, os apóstolos e as primeiras comunidades vão processualmente compreendendo e vivendo, a santidade: “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim. E esta vida que agora vivo, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2,20). A comunidade joanina acolhe a encarnação do Filho como expressão do amor de Deus: “Assim se manifestou o amor de Deus para conosco. Deus enviou ao mundo o seu Filho unigênito para que vivamos por Ele” (1Jo 4,9).

O Papa Francisco reafirma que viver a santidade é um chamado para todos. Um chamado que está patente desde as primeiras páginas da Bíblia³. A Abrão o Senhor disse: “Anda na minha presença e sê perfeito” (Gn 17,1; GE, 1). O Santo Padre, recordando uma homilia de Bento XVI⁴, nos relembra ainda que os santos, que já chegaram à presença de Deus, mantêm conosco laços de amor e comunhão. “Podemos dizer que

estamos circundados, conduzidos e guiados pelos amigos de Deus” (GE, 4).

Comentando esta Exortação do papa, Bingemer ressalta: “A santidade não é uma subida, mas sim uma descida ao encontro dos outros [...]. Não se trata de um apelo para alguns poucos escolhidos [...]. Pelo contrário, é a radicalização do ser humano como caminho para o encontro com o verdadeiro Deus”. Complementando: “Ser santo não é para campeões de perfeição, mas para pecadores que se reconhecem como tais, mas se deixam configurar pela graça de Deus e pelo apelo que vem da alteridade desfigurada de todo aquele que sofre e necessita cuidado e atenção”.

É bonito e digno de admiração quando o papa escreve: “Não pensemos apenas em quantos já estão beatificados ou canonizados. O Espírito Santo derrama santidade, por toda a parte, no santo povo fiel de Deus” (GE, 6). Quanto aos caminhos da santidade, o papa diz que são diversos. São João da Cruz, em seu Canto Espiritual, sabiamente escreve: “[...] a vida divina comunica-se a uns duma maneira e a outros doutra”⁵. Contudo, em sua Exortação o Papa Francisco enfatiza: “Ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado, mas Deus atrai-nos tendo em conta a complexa rede de relações interpessoais que estabelecem na comunidade humana” (GE, 6). Não somos autossuficientes, mas chamados a ser administradores das coisas de Deus (1Pd 4,10), recorda o papa. Mais à frente na sua exortação, insiste o Papa Francisco: “Deixa que a graça do teu batismo frutifique num caminho de santidade. Deixe que tudo esteja aberto a Deus e, para isso, opta por Ele, escolhe Deus sem cessar [...] tens a força do Espírito para tornar possível a santidade [...] quando sentires a força da tentação de te enredares na tua fragilidade, levante os olhos para o Crucificado e diz-Lhe: Senhor, sou miserável! Mas Vós podeis realizar o milagre de me tornar um pouco melhor” (GE, 15).

Quanto às implicações comunitárias e sociais dos caminhos da santidade, diz o papa: “Contra a tendência para o individualismo consumista que acaba por nos isolar na busca do bem-estar à

³ Cf. PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual. Disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exultate.html.

Acesso em mai. 2020. (NdE: referenciado como GE a partir daqui.)

⁴ Bento XVI, *Homilia no início solene do Ministério Petriano (24 de abril de 2005)*: AAS 97 (2005), 708.

⁵ SÃO JOÃO DA CRUZ, *Cântico Espiritual B, Prólogo*, 2. In: _____. *Opere*. Roma: 1979, 490.

margem dos outros, o nosso caminho de santificação não pode deixar de nos identificar com aquele desejo de Jesus: “Que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e eu em Ti” (cf. GE, 146). Assim, nossa missão é inseparável da construção do Reino. Conformer-se com Cristo requer compromisso com seu reinado. Não há santificação sem compromisso. Buscar a santidade cotidianamente é buscar atingir o que Deus quis de nós ao nos criar. A santidade não nos torna menos humanos, ao contrário, plenifica nossa humanidade.

Ainda segundo Bingemer: “A santidade não é apenas uma maneira de comportar-se religiosamente ou um estilo de rezar, mas uma maneira de conceber a própria existência enquanto serviço oferecido ao outro”.

2. Paulo da Cruz e a santidade: viver o NADA

Santidade é desprendimento. Um dos modos de viver a santidade, recomendado por Paulo da Cruz, é *viver o nada*. Em suas diversas cartas, insiste com os seus interlocutores a viverem o “nada”. Ao responder a uma comunicação do irmão Bartolomeu de São Luís, escreve Paulo da Cruz: “Alegro-me por saber que o senhor tem vivido o desejo de *permanecer no seu nada* [...] Quem permanece nesse nada [...] é como a árvore plantada à beira das águas, que produz fruto em todo o tempo [...] quando Deus vê uma alma abismada no seu próprio nada, dando glória a sua Divina Majestade em tudo [...] absorve-a a si pelo amor e, com as águas da sua graça triunfadora, rega-a sempre. Dessa maneira ela se torna uma árvore frutífera, que sempre produz seu fruto [...]”⁶. Nesta mesma carta Paulo da Cruz recomenda ao irmão Bartolomeu deixar desaparecer o nosso NADA no infinito TUDO, que é Deus. E o caminho é revestirmo-nos de Cristo (Rm 13,14).

Esta mesma recomendação já tinha sido feita à irmã Maria Crucifixa Constantini: “Acima de tudo, deixe-se guiar pelo Espírito Santo. Permaneça no seu NADA, e quando sentir as impressões e os atrativos divinos, siga-os com o convite que Deus lhe faz [...]”⁷.

3. Viver na santidade em tempos de COVID 19

Em tempos de pandemia, posturas éticas são testadas, inclusive as virtudes da santidade. A pandemia causada pelo Covid-19 é uma provação para toda a humanidade. Muitos têm expressado o desejo de “que a realidade volte ao normal”! Mas sobre qual normalidade estão falando? O que poderemos chamar de “normal” durante e depois dessa pandemia? Fatos demonstram que “a normalidade” vivida por grande parte da humanidade colocou nossa Casa Comum em estado de profundo esgotamento. Teremos que fazer novas escolhas e delas não sairemos ilesos. Será que não é momento de aprender com São Paulo da Cruz a viver o NADA? Aqui entendendo esse NADA como o essencial e necessário para a dignidade da pessoa, assumindo que somos interdependentes, limitados e finitos. Paradoxalmente vemos nesse tempo que as pessoas estão morrendo e a natureza revivendo: águas menos poluídas e mais cristalinas, céu mais transparente, menos queimadas, climas mais saudáveis... Sinais de que muitas coisas estavam, e estão, fora da ordem! Temos que admitir: a terra limitada não aguenta um projeto ilimitado de crescimento. Nesse contexto, qual “normalidade” queremos construir? Fazer essa reflexão é também discutir santidade!

Muitos, ingenuamente, afirmam que este momento é um “recado de Deus”. Penso o contrário, é preciso assumir nossa própria responsabilidade. Acredito ser esse momento um recado da humanidade para si mesma! É tempo de repensar nossas posturas entre nós e com toda a natureza. De admitir que Infinito só Deus! Analisar esse momento como “castigo de Deus” é muito perigoso e, no mínimo falta de responsabilidade da nossa parte.

Recolher-se, praticando o distanciamento social nesse tempo de pandemia também é uma expressão de santidade porque não só cuidamos da nossa vida como da vida de todos. Distanciados, mas não sozinhos. É tempo de recolhimento, de “solidão povoada” (São João da Cruz) e solidária para estarmos em comunhão.

A saudade das pessoas, dos familiares, reconduzindo-nos às nossas origens e a nós mesmos; a saudade “do que fazíamos antes”, podem transformar nossa solidão em solitude. Assim, a quarentena não se trata, necessariamente, de solidão, de um vácuo atroz,

⁶ SÃO PAULO DA CRUZ, *Op. cit.*, V. 3, p. 289.

⁷ *Ibid.*, Carta à Madre Maria Crucifixa Constantini, 10 de agosto de 1741. V. 3, p. 289.

mas de deixar-se ser acompanhado por nós mesmos. Uma companhia que pode ser agradável e de autoconhecimento. Aos poucos iremos perceber que o suposto “vazio” está habitado. Habitado de memórias e desejos futuros.

Em tempos de pandemias somos desafiados de vários modos. Desafios que talvez no cotidiano agitado que vivíamos não nos dávamos conta. Por exemplo: forçosamente estamos em comunidades religiosas, em família, cuidando dos filhos, inventando meios de gastar nosso tempo, com menos contatos externos... Como ressignificar tudo isso, uma vez que não foram opções livres? Como viver a mansidão, a tolerância, a caridade, a compaixão, a acolhida, a colaboração e a comunicação não violenta, como cultivar espiritualidade etc., nesse “novo” contexto? Numa visão mais ampla, como ser solidário, como trilhar um caminho de santidade defendendo a vida em meio a tantas vulnerabilidades?

Há que se dizer ainda de uma outra realidade. Se por um lado a pandemia do Covid-19 nos colocou em distanciamento social, sem o nosso querer, ela nos colocou também à distância dos corpos sem vida de tantas pessoas queridas, não nos permitindo nem mesmo os velórios. Lembremo-nos: ver a pessoa morta, expor o corpo, fazer o velório são culturalmente passos para um “fechamento simbólico” da vida corpórea. Não ter corpo para velar é tornar invisível o que a minha memória afetiva não permite que seja.

Por fim, se a santidade é alcançada nas pequenas coisas do nosso cotidiano, fazendo da nossa vida um altar de amor a exemplo do Crucificado, vivendo o NADA, conforme inspiração de São Paulo da Cruz, nestes tempos tão atribulados e vulneráveis é necessário, mais do que nunca, pedir “ao Espírito Santo que infunda em nós o desejo intenso de ser santos para a maior glória de Deus; e animemo-nos uns aos outros neste propósito [...]” (GE, 177).

REFLEXÃO

- ❖ Como compreender nosso chamado à santidade diante de um Deus que se dá por inteiro, por amor, na Cruz?
- ❖ Como viver os valores da mansidão, da tolerância, da caridade, da compaixão, da acolhida, da colaboração, da comunicação não violenta e do cultivo da espiritualidade diante deste novo contexto em que vivemos?
- ❖ Qual a nova “normalidade” que queremos construir durante e depois desta pandemia?
- ❖ De que modo o testemunho de São Paulo da Cruz e os demais testemunhos de vivência da espiritualidade da Paixão (santos, beatos, veneráveis, servos de deus, fundadoras) me ensinam a trilhar um caminho de santificação pessoal e comunitária, pautado na solidariedade e na defesa da vida?

CALENDÁRIO DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA – JUNHO DE 2020

- 06 Bem-aventurada Maria, Virgem Dolorosa. *Missas e ofício votivo.*
- 07 São Paulo da Cruz é ordenado presbítero pelo papa Bento XIII (1727).
- 11 São Paulo da Cruz pronuncia os votos religiosos (1741).
- 12 Beato Lourenço Maria de S. Francisco Xavier Salvi (1782-1856), presbítero passionista. *Memória.*
- 18 São Paulo da Cruz, *missa e ofício votivo.*
- 26 Cristo coroado de espinhos. *Missas e ofício votivo da Paixão (II).*
- 27 Bem-aventurada Maria, Virgem Dolorosa. *Missas e ofício votivo.*
- 28 São Paulo da Cruz é inscrito no Calendário dos Santos pelo Beato Pio IX (1867).
- 29 Recordação do Venerável Pe. Norberto Cassinelli CP (1829-1911), presbítero passionista.

EXPEDIENTE: *Equipe de Espiritualidade da FPB* – Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. Maria Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Pe. Marcel Alcleante Alexandre de Sousa, CP (Prov. Getsêmani); Pe. Vanildo de Jesus Nascimento, CP (Prov. Exaltação da Santa Cruz); Carlos Renato Moiteiro (CLPs – Região Centro/PR).